

CLIENTE: Santa Genoveva	
DATA DE VEICULAÇÃO: 01/02/2015	VEÍCULO: Jornal Correio de Uberlândia
CADERNO: Cidade e Região	ÁREA:
AUTOR:	PÁGINA: Capa e A7 Impresso e Online
TÍTULO: Em Uberlândia, número de partos cesárea supera a média nacional	

SAÚDE PERCENTUAL NA REDE PARTICULAR É DE 98,9%

Em Uberlândia, número de partos cesárea supera a média nacional



Talita Oliveira fez parto cesárea para ganhar Marina, mas não por opção e, sim, por falta de disponibilidade da obstetra

MARCO RIBEIRO

As cesáreas em Uberlândia representam 98,9% dos partos realizados na rede particular, 40 pontos percentuais acima do registrado no SUS, que é de 60,8%. Os números estão acima da média nacional e estadual, e longe do preconizado pela OMS - 15%. Em todo o país, as cesarianas chegam a 84,6% dos partos nas instituições privadas e 40% no SUS. A diferença dos modelos público e privado é um dos principais fatores pelo alto número de cesarianas. **PÁGINA A7**

99% dos partos da rede privada são cesáreas

NÚMERO DE PARTOS CIRÚRGICOS NA CIDADE SUPERA TAXA DO PAÍS

DANIELA NOGUEIRA | REPÓRTER

As cesarianas representam 98,9% dos partos realizados na rede particular de saúde em Uberlândia, quase 40 pontos percentuais acima do registrado no Sistema Único de Saúde (SUS), que é de 60,8%, de acordo com dados da Secretaria Municipal de Saúde. As taxas de cesáreas da cidade estão acima das registradas no estado e nacionalmente, e longe do índice preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que é de 15%. Em Minas Gerais, 83,68% dos partos na rede privada são cesáreas enquanto na rede pública esse procedimento representa 45,52%, segundo informações da Secretaria de Estado de Saúde. Em todo o país, as cesarianas correspondem a 84,6% dos partos nas instituições particulares e 40% no SUS, como indicam os dados da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) e do Ministério da Saúde.

Para o ginecologista e obstetra José Hilário Alves Borges, que atende na rede particular de Uberlândia, o alto índice de cesáreas em

Uberlândia pode ser explicado pela cultura da cidade. "No SUS, essa taxa superior à Minas e Brasil é porque Uberlândia é referência para a região em partos de alto risco. Isso é muito claro. Já esse alto índice da rede particular é uma questão cultural. As mulheres passaram a ter medo do parto normal e aumentou o acesso a convênios, possibilitando que as gestantes escolham o tipo de parto que desejam realizar."

Ainda de acordo com Borges, a cesárea se tornou uma comodidade. "Tanto para a gestante quanto para o médico porque o trabalho de parto pode demorar muitas horas, o que exige disponibilidade do profissional. Mas é preciso enfatizar que a cesariana não é uma vila, ela salva vidas", afirmou Borges.

Foi essa comodidade que fez a secretária Marlene Dorneles, de 34 anos, optar por ter o filho Matheus, hoje com 8 meses, por cesárea. "Penso que o parto normal deve ser muito dolorido e cansativo. São muitas horas tentando dar à luz. Quando soube que estava grávida, já falei para o médico que queria cesárea. O parto normal para mim nunca foi uma opção."

Segundo o presidente da Associação de Ginecologistas e Obstetras de Minas Gerais (Sogimig), Agnaldo Lopes da Silva Filho, a diferença dos modelos público e

Veja mais no site

- ▶ Resolução da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) cria normas para cesáreas
- ▶ Com alto índice de cesáreas, gestante escolhe ter parto humanizado
- ▶ Diferenças entre parto por cesárea, normal e humanizado

www.correiodeuberlandia.com.br

privado é um dos principais responsáveis pelo grande número de cesarianas. "Na rede pública, a mulher faz o pré-natal no posto de saúde e ganha o bebê com o obstetra que estiver de plantão. Na rede privada, habitualmente, quem faz o parto é o mesmo médico que fez o pré-natal. É incontestável que as taxas no Brasil estão muito acima do que poderíamos considerar como aceitável. O país precisa criar condições para reduzir as cesarianas, mas é uma evolução gradativa, que envolve educação das mulheres, informações e condições para que se tenha um parto normal. A maternidade tem que ser equipada e ter plantão 24 horas com equipe completa de obstetra, pediatra e enfermeiras especializadas."



Walid Fahmy diz que, na rede pública de saúde, há incentivo para a realização de parto normal

GESTANTES OPTAM PELO SUS PELA OPORTUNIDADE DE TEREM PARTO NORMAL

Ao contrário das mulheres que fazem questão de ter uma cesariana, algumas gestantes deixam os hospitais particulares de lado e vão procurar atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) para garantir um parto normal. A principal reclamação dessas mulheres em relação à rede privada é que, mesmo os planos de saúde cobrindo os custos do parto normal, os médicos estão cobrando uma taxa de disponibilidade para fazer

o procedimento. Segundo grávidas e mulheres que deram à luz recentemente, esse valor varia de R\$ 2 mil a R\$ 5 mil. Já para realizar cesárea, os profissionais não cobriam taxa extra.

A dona de casa Agnes Alves Matias, de 27 anos, por exemplo, deixou o atendimento particular e procurou o público para conseguir ter parto normal. Ela está fazendo de pré-natal no HC-UFU e a filha Marília deve nascer em

meados de março. "Na minha primeira gravidez tive trombose na perna e fiz cesárea. Na segunda, o médico deixou claro na primeira consulta que só faria cesárea. Fui para o SUS e tive profissionais que me esclareceram e que falaram que, por eu tomar anticoagulante, se eu fizesse cesárea teria um risco muito grande de hemorragia e, no parto normal, o risco era muito menor", disse Agnes Matias.

Já a empresária Bianca

Tircily de Oliveira Ribeiro, de 34 anos, optou por fazer um acompanhamento particular com uma ginecologista que também atende no SUS, mas vai dar à luz no sistema público de saúde. "Sai muito caro para ter parto normal no hospital particular. Então procurei essa médica, que eu sabia que também atende no SUS. Faça pré-natal particular com ela, mas também tenho apoio de psicólogos, nutricionistas e outros profissionais na rede pública."

TRABALHO

MÉDICOS INDUZEM PARTO POR CIRURGIA

Um fator que pode estar contribuindo para o alto índice de partos por cesárea em Uberlândia é a influência do médico na decisão da gestante. Algumas mulheres alegam que queriam ter realizado o parto normal, mas foram induzidas pelos médicos a fazer a cesariana. Essa influência pode ter dois motivos: melhor remuneração pela cesárea por parte dos planos de saúde e o agendamento de dia e hora para o parto, sem necessidade de ficar disponível à noite e aos fins de semana, por exemplo.

A professora Talita Oliveira Silva, de 31 anos, deu à luz Marina em outubro de 2014. No início da gravidez, ela falou com a médica que queria ter parto normal, mas na reta final a obstetra quis marcar a cesárea. "Até a 36ª semana eu acreditava que ia ter parto normal. Fiz os exames e não tinha nenhuma indicação para a cirurgia. Aí a médica disse que o convênio paga-

va o parto normal, mas não pagava pela disponibilidade dela. Que poderia acontecer de ela não estar presente na hora do parto. Aí marcou a cesárea e a Marina nasceu na 38ª semana. A minha vontade não foi respeitada", disse.

Já a assistente administrativa Joyce da Silva Dornelas, de 23 anos, que teve que fazer cesárea para o filho Heitor nascer, em novembro de 2012, acredita que a médica não teve paciência de esperar todo o trabalho de parto. "Eu entrei em trabalho de parto e logo ela já me deu hormônios para acelerar o processo. Com uma hora e meia de trabalho de parto ela já me levou para o centro cirúrgico para fazer a cesárea. Eu não queria ter tomado hormônio, queria que fosse tudo natural, muito menos queria cesárea. Eu era uma gestante saudável, o bebê estava bem e não tinha necessidade."



Talita Silva diz que médica não respeitou sua opção de parto

REDE TEM ESTRUTURA, DIZ COORDENADOR

A rede pública de saúde orienta e estimula as gestantes quanto ao parto normal por ser uma prática mais segura, já que, dentre outros fatores, a cesariana aumenta em 120 vezes a probabilidade de problemas respiratórios para o recém-nascido e triplica o risco de morte da mãe. A gestante faz o pré-natal em uma Unidade de Atendimento Integrado (UAI) ou em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e quando há alguma intercorrência ela deve procurar a UAI Martins, que avalia a gestante e encaminha para o Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU) ou para o Hospital Municipal.

"Se existe algum risco para a mãe ou para o bebê, é feita a cesárea, mas se esse risco não existe ou é muito pequeno a prioridade é o parto normal. Também avaliamos todo o trabalho de parto por meio do partograma, que é um ins-

trumento exigido pela ANS [Agência Nacional de Saúde Suplementar] na rede particular, pelo qual é possível saber se o parto está indo bem, se está demonstrando. Tem toda uma estrutura e uma equipe para garantir que ocorra tudo bem", afirmou o coordenador do setor de obstetrícia do Hospital Municipal de Uberlândia, Walid Fahmy.

Apesar disso, segundo Fahmy, algumas mulheres chegam na instituição pedindo para que seja realizada a cesárea, mesmo que elas não tenham indicação médica para o procedimento. "Nos conversamos com a paciente, explicamos os riscos da cesárea e os benefícios do parto normal. Muitas vezes, elas pedem mais por medo, por ansiedade. Às vezes, nem a mãe nem a avó da gestante sabem como é o parto normal e o que é o trabalho de parto. Então, nós conscientizamos e negociamos com a paciente."

Partos realizados em Uberlândia em 2014

	Hospital Municipal		Hospital de Clínicas da UFU		Particular	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Cesáreas	1.769	55,5	1.443	69,1	3.897	98,9
Normais	1.421	44,5	644	30,9	133	1,1

	Número de Cesáreas					
	Uberlândia		Minas Gerais		Brasil	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
SUS	3.212	60,86	66.817	45,52	1.877.505	40
Particular	3.897	98,9	62.334	83,68	541.476	84,6